

Um difícil horizonte de 21 meses

A maioria acredita que a inflação deve ficar nos insuportáveis níveis atuais: não vai cair muito nem subir demais. Convencidos de que não há elementos na economia para se acreditar numa mudança brusca de patamar inflacionário estão os economistas Mário Henrique Simonsen, Edmar Bacha, Adroaldo Moura da Silva e César Maia. O economista Rogério Werneck acha, ao contrário, que é uma "operação extremamente arriscada" imaginar uma estratégia de estabilização desta taxa mensal de inflação. E faz uma metáfora para explicar o risco que prevê para a economia brasileira: é como se houvesse um vazamento de gás num apartamento e alguém convivesse com isto apostando que, "se as janelas ficarem abertas, se o dia estiver ventoso, se ninguém acender um fósforo, se não houver uma centelha elétrica" talvez não ocorra uma explosão. "Administrar uma inflação de 20% em 21 meses é pouco provável" afirma Werneck.

O risco de uma explosão inflacionária ainda no governo Sarney existe, na opinião de Simonsen, mas o perigo vem do Legislativo, com decisões de aumento de gastos públicos, como no caso das emendas que propõem anistia para dívidas dos pequenos e médios empresários e agricultores. Ele acha que estas propostas são paternalistas "São tendências de se acreditar que o dinheiro cai do céu, que o Estado cria recursos do nada, que é possível haver devedores sem que haja credores" Simonsen acha que isto pode inviabilizar completamente o desejo do Executivo de promover a austeridade, o único caminho que impediria a explosão inflacionária. "É perfeitamente possível — diz Simonsen — que as disposições transitórias inviabilizem qualquer tentativa de austeridade monetária e fiscal" e mais adiante afirma que "essas disposições transitórias da Constituição podem tornar inevitável uma inflação explosiva".

Cesar Maia procurou na história republicana o paralelo para explicar o que gostaria que o presidente José Sarney fosse durante os próximos 24 meses: uma espécie de Campos Salles, que com uma política austera e um complicado acordo com os credores externos, saiu vaiado do governo, mas abriu o caminho para que o sucessor, Rodrigues Alves, fosse um reformador. Dois anos depois de sair do governo Campos Salles teve seu trabalho reconhecido. César Maia acha que isto é apenas o desejável, porque o que Sarney realmente vai fazer é buscar a qualquer preço ganhar as eleições municipais e presidenciais "com os instrumentos que estiverem ao seu alcance abrindo espaço para os gastos que forem necessários". A